

CPI - CARTELIZAÇÃO DA CITRICULTURA

07.06.2017

AUDIOTEXT SERVIÇOS E CIA. LTDA. - ME**CPI - CARTELIZAÇÃO DA CITRICULTURA****07.06.2017**

O SR. PRESIDENTE - BARROS MUNHOZ - PSDB - ... E substituindo aqui nosso presidente Fernando Cury, que está impossibilitado de comparecer, vou dar início a essa sessão da CPI da Cartelização da Citricultura. Quero agradecer as honrosas presenças dos deputados Ed Thomas, Zico Prado, Marco Vinholi, Chico Sardelli e Pedro Kaká. Agradecer a assessoria também.

Dizer que hoje está prevista a audiência de cinco produtores de suco de laranja. Foi assim que havia sido programada a oitava das pessoas que serão ouvidas pela CPI. Amanhã temos mais audiências, mais quatro pessoas, e vamos prosseguir ouvindo os mais importantes personagens e objeto maior de nossa preocupação, que são os citricultores. Quero agradecer a presença de todos, e vou pedir licença para me retirar, porque hoje tem um evento no Palácio que não posso deixar de comparecer.

Um dos maiores problemas de Campinas é a falta d'água, que agora nessa crise hídrica se assentou ainda mais. Uma das soluções, Pedro Kaká, você que tem sido o novo, mas parece que veterano deputado, e muito interessado nas coisas, uma das soluções eram duas represas em nossa região - a minha de Itapira fica naquela região, perto do circuito das águas e da Baixa Mogiana. Viu, deputado Zico? Era uma represa em Amparo, ali nas duas pontes, e uma em Pedreira. Com isso podia abastecer os afluentes do Piracicaba, o Chico também é lá da região e conhece bem. Aquilo ali é um martírio, agora na crise hídrica foi um sufoco.

Hoje o governador vai lançar e assinar o início da construção dessas duas represas, e mais uma aqui do Baquirivu. Olha que nome complicado Pedro, nem você que é da região sabia disso. Então pessoal, peço desculpas e quero agradecer a presença de todos. Me permitam fazer novamente, na pessoa do Antônio, porque além de citricultor, é amigo nosso. É como eu sempre digo para o Zico, é da lavoura. Então agradeço a presença de todos, e passarei a Presidência não ao mais velho, mas mais experiente deputado, que é o professor Zico Prado. Obrigado a todos e desculpa a ausência absolutamente necessária. Um abraço.

* * *

- Assume a Presidência o Sr. José Zico Prado.

* * *

O SR. PRESIDENTE - JOSÉ ZICO PRADO - PT - Primeiro quero cumprimentar a todos e a todas, e agradecer a presença do deputado Ricardo Madalena, que também é conhecedor do assunto e membro da nossa CPI.

Convidamos para o dia de hoje o Sr. Edélcio de Oliveira Junior, diretor agrícola da empresa Branco Peres; o Sr. Demetrius de Souza, diretor geral da empresa Frucamp; e os Srs. Alfredo dos Santos e Vagner Rogério Mapele, representantes da empresa Life Indústria e Comércio de Sucos Ltda. Os únicos que compareceram são o Dr. Demetrius e o Sr. Edélcio. Gostaria de chama-los para a Mesa.

O SR. CHICO SARDELLI - PV - Mas são empresas distintas, vamos chamar os dois para a Mesa, ou primeiro um e depois outro?

O SR. PRESIDENTE - JOSÉ ZICO PRADO - PT - Vocês que sabem, para mim os dois podem ficar. Tem algum problema, Chico?

O SR. CHICO SARDELLI - PV - Não.

O SR. PRESIDENTE - JOSÉ ZICO PRADO - PT - Então queria convidar os dois representantes para sentarem ao meu lado, o Demetrius e o Sr. Edélcio. Agradecer a presença de vocês aqui na Comissão, para que possamos esclarecer essa questão de tantos anos sobre o suco de laranja aqui no estado de São Paulo, e com todo esse imbróglgio que teve no CADE até hoje. Queria agradecer a presença de vocês, e dizer que aqui temos toda uma tradição de que vocês podem ajudar a esclarecer sendo bem claros. Eu gostaria, se os deputados estiverem de acordo, ouvirmos os dois e depois fazermos as perguntas.

O SR. MARCO VINHOLI - PSDB - Pela ordem, Presidente. Desculpa, eu só queria, aproveitando o quórum aqui, que se pudéssemos antes da oitiva, colocar esses dois requerimentos para o membro da CPI, para depois não perdermos o quórum.

O SR. PRESIDENTE - JOSÉ ZICO PRADO - PT - Na qualidade de membro relator da CPI da Cartelização de Citricultura, criada com a finalidade de investigar eventual prática de cartelização da indústria da citricultura no estado de São Paulo, requeiro que seja convocada a empresa Montecitrus Participações Ltda. localizada na Via de Acesso Sebastião Fioreze 835, Monte Azul Paulista, estado de São Paulo. Em discussão.

O SR. MARCO VINHOLI - PSDB - Só justificando aqui, porque ela constava na Operação Fanta, e foi a única das empresas que não colocamos nas relacionadas, então estou incluindo.

O SR. PRESIDENTE - JOSÉ ZICO PRADO - PT - Algum Sr. Deputado? Se não tiver ninguém, está aprovado. Quero deixar vocês dois muito à vontade, não sei quem está disposto a falar primeiro, tirem no par ou ímpar.

O SR. EDÉLCIO DE OLIVEIRA JÚNIOR - Tudo bem? Boa tarde a todos os presentes, me chamo Edélcio e fui convidado por essa Comissão para tentar contribuir de alguma maneira. Só para fazer algumas colocações, na realidade sou responsável e diretor agrícola não da Branco Peres Agribusiness, que na verdade é um complexo de empresas, não é uma pessoa jurídica. Sou responsável pelo setor agrícola produtor de laranjas Joao Carlos Branco Peres e Outros. Não sei se consigo contribuir muito com algumas questões a respeito desse assunto, mas se eu puder colaborar em algum aspecto estou à disposição.

O SR. RICARDO MADALENA - PR - Pela ordem, Sr. Presidente.

O SR. PRESIDENTE - JOSÉ ZICO PRADO - PT - Pela ordem, deputado Ricardo Madalena.

O SR. RICARDO MADALENA - PR - Acho que houve um pequeno engano, o diretor agrícola vai saber a situação do cartel e a finalidade da CPI? Quem foi intimado lá?

O SR. EDÉLCIO DE OLIVEIRA JÚNIOR - Na verdade, o convite chegou ao meu nome. Eu não faço parte da atividade industrial do grupo, sou diretor da parte agrícola e da produção de laranjas.

O SR. MARCO VINHOLI - PSDB - Pela ordem, Presidente. Nós aprovamos na última Comissão o requerimento para a indústria Branco Peres, e não especificamos o nome. Acredito que o presidente acabou encaminhando para o setor agrícola.

Pelo que estou entendendo, acredito que como produtor, aproveitando sua vinda, podemos ter alguma contribuição no sentido de que também temos uma série de assuntos com os produtores. Verificamos quem da Branco Peres pode vir relacionado a parte da indústria, até porque vieram a título de convite, tanto a Branco Peres, quanto a Frucamp. Vamos buscar uma colaboração com o máximo de dados possíveis.

O SR. RICARDO MADALENA - PR - Pela ordem, Sr. Presidente. Vinholi, Branco Peres faz parte do cartel ou é uma empresa minoritária?

O SR. MARCO VINHOLI - PSDB - Acho que até isso podemos perguntar melhor para eles aqui, a Branco Peres fez um acordo em 2011 aprovado pelo CADE, em que sua operação em Taquaritinga foi aprovada uma parceria com a Cutrale. No bojo disso tudo, podemos ter alguma informação que possa fornecer dados relevantes para essa Comissão.

O SR. RICARDO MADALENA - PR - Ok.

O SR. DEMETRIUS DE SOUZA - Boa tarde a todos, meu nome é Demetrius e sou da empresa Frucamp, de Catanduva. Eu desenvolvo a função de diretor comercial, e acho que dentro de minhas limitações e conhecimentos, estarei em pé e a ordem no que eu puder somar de informações aos senhores.

O SR. PRESIDENTE - JOSÉ ZICO PRADO - PT - Queria dizer aos membros dessa Comissão que poderíamos ir ouvindo e vemos o que extraímos disso tudo, o que pode ser aproveitado. Nosso objetivo aqui é deixar claro que esses anos todos que teve esse embate no CADE em Brasília é uma questão que praticamente foi resolvida parcialmente agora, e queremos saber como as empresas que os senhores atuam estão envolvidas, se não entraram, se entraram. Como vocês se comportaram diante dessa negociação toda em todos esses anos.

O SR. EDÉLCIO DE OLIVEIRA JÚNIOR - Como eu disse, como faço parte da atividade agrícola, não tenho acesso às questões da Branco Peres na indústria de laranja, não consigo determinar se fez parte ou não, creio que não tenha sido feito. Mas não consigo trazer muito detalhe sobre esse tema. Minha atribuição no grupo é de fato operacionalmente agrícola, sou na essência produtor de laranja. Nós produzimos laranja, a empresa por si só tem um modelo de gestão com pessoas físicas e jurídicas, produzimos outras culturas - gado, cana - e sou especificamente, diretor responsável da operação agrícola da produção de laranja, exclusivamente.

O SR. MARCO VINHOLI - PSDB - Pela ordem, Presidente. Só para tentar extrair e colocar um pouquinho de algumas informações interessantes para nós. Eu gostaria de perguntar aos dois, e incentivar um pouco para que possamos ter um rumo de dados importantes.

Quantas caixas são produzidas hoje pelas empresas? Quanto é pago na caixa de laranja atualmente? Vocês têm alguma dificuldade na compra de laranja, tendo em vista uma verticalização no setor, por parte das grandes empresas? Quanto da produção das empresas, produzido com sócios, com vocês ou pessoas relacionadas a empresa? E como é regulado esse preço? São questões mais agrícolas e vinculadas a produção que subsidiariam muito bem essa Comissão.

O SR. CHICO SARDELLI - PV - Pela ordem, Sr. Presidente.

O SR. PRESIDENTE - JOSÉ ZICO PRADO - PT - Pela ordem, deputado Chico Sardelli.

O SR. CHICO SARDELLI - PV - Nesse momento gostaria de tecer alguns comentários sobre o convite. Pelo que estamos percebendo, a dificuldade. Eu já disse que trabalhei em diversas audiências públicas lá atrás, e pude entender - não é o caso aqui específico até o momento, com respeito ao Edélcio e Demetrius - que efetivamente essa tática de joga para um, joga para outro, leva para um, leva para outro... Eu volto a repetir, não acho que seja o caso de vocês aqui, mas eu conheço muito bem como funciona essa história da cartelização e o massacre dos grandes produtores em cima dos pequenos.

Por isso, reforçando um pouco a pergunta do nobre parlamentar Vinholi, acho que o Demetrius e o Edélcio, pelo que percebi já na introdução, poucas coisas poderão nos dar. Mas eu gostaria de ir um pouquinho mais longe, gostaria de um histórico da empresa. O que efetivamente é a Branco Peres, o que ela faz, o que produz, qual é o grupo. Branco Peres é uma holding? Como funciona isso? Quantos mil funcionários emprega a Branco Peres? Desse grupo todo, o que representa a laranja para o grupo? Para começarmos a formar um raciocínio do nosso trabalho, senão vamos chover no molhado, não vamos avançar, porque tem outras empresas importantes que também sentarão aqui, e com certeza têm dívida no cartório num passado não tão distante, que terão que se explicar.

Era isso, Sr. Presidente. Então se pudéssemos ter um feedback de cada uma das empresas, como funciona, que ramo trabalha, o que produz, o que não produz - uma produz laranja, mas não produz suco, a produção é própria, não compra de pequenos agricultores, só de grandes empresas. Desculpa minha insistência, mas para darmos um pouco de celeridade para atingirmos os objetivos, deputado Marco Vinholi e presidente Zico Prado.

O SR. PRESIDENTE - JOSÉ ZICO PRADO - PT - Eu também só queria dizer que a Branco Peres, deputado Sardelli, está no mercado há quase 40 anos. Se aí não tem história para contar, ninguém mais tem. Ou ficamos sabendo de toda a história, como começou, o que estão fazendo hoje, porque o objetivo da CPI é muito claro, queremos entender esse cartel feito durante tantos anos aqui no estado. O deputado Chico Sardelli colaborou com o Estado de São Paulo lá em Brasília, quando era deputado federal.

O SR. DEMETRIUS DE SOUZA - Pela ordem, posso falar um pouco da Frucamp. Ela nasceu em 1996, mas por pendências do município ela só entrou em atividade no ano de 2015.

O SR. PRESIDENTE - JOSÉ ZICO PRADO - PT - No município de?

O SR. DEMETRIUS DE SOUZA - Catanduva. A Frucamp existe desde 1996, mas no ramo de extração de laranja e frutas cítricas estamos na terceira safra. A Frucamp nasceu em 96 por um grupo de produtores de laranja que se reuniram e resolveram montar a indústria, com intenção de agregar valores em sua matéria-prima. Por pendências do município, ela está situada nas margens da Rodovia Washington Luiz, na época ela investiu 10 milhões de dólares para a construção da planta, só que a Cetesb não autorizou o funcionamento, devido a vazão que ela iria produzir por dia, e onde pretendíamos jogar nosso emissário. Então ficamos pendentes do município viabilizar a construção de uma lagoa de tratamento, que se concluiu no ano de 2015. Só então a Frucamp entrou em atividade.

Respondendo à pergunta do deputado Sardelli, estamos aqui para somar dentro do nosso dia a dia. De 2015 para trás não processávamos laranja, não tenho conhecimento. Eu gostaria de saber qual a data que deu início a CPI da Cartelização, porque aí ficaria mais claro para nós se podemos responder algumas perguntas ou não. De repente vou falar alguma coisa que não condiz com a realidade. A nossa realidade é essa, iniciamos em 2015.

O SR. CHICO SARDELLI - PV - No caso da laranja específica, vocês são plantadores?

O SR. DEMETRIUS DE SOUZA - Sim, a Frucamp é um grupo de 42 produtores de laranja.

O SR. CHICO SARDELLI - PV - É uma cooperativa?

O SR. DEMETRIUS DE SOUZA - É uma limitada, nos moldes de uma cooperativa. Nós produzimos e processamos a nossa matéria-prima.

O SR. CHICO SARDELLI - PV - Esses 42 membros que se associaram são todos pequenos produtores, é isso? É uma cooperativa de pequenos produtores?

O SR. DEMETRIUS DE SOUZA - Sim, são 42 produtores, mas existem famílias que têm seis irmãos, por isso esse montante. É dividido em grupos, num total de 42 sócios.

O SR. CHICO SARDELLI - PV - Fora esses 42, vocês não compram do mercado para abastecer a produção de vocês? Como é isso?

O SR. DEMETRIUS DE SOUZA - Uma mínima fatia. No último ano nada, porque os valores, devido à quebra da safra, não conseguimos praticar compra. Se surgir alguma matéria-prima interessante para a empresa.

O SR. CHICO SARDELLI - PV - Quem é o presidente do grupo?

O SR. DEMETRIUS DE SOUZA - Eurides Fachini, de Catanduva.

O SR. MARCO VINHOLI - PSDB - Pela ordem, Sr. Presidente. Só para agregar, vocês podem nos dizer quantas caixas são produzidas, e quanto pagam na laranja?

O SR. DEMETRIUS DE SOUZA - A política da Frucamp, como processamos nossa matéria-prima, é a remuneração para o sócio fornecedor em cima do rendimento da caixa, porque existem produtores da Frucamp que têm propriedades rurais no Mato Grosso do Sul, existem produtores na região Norte, na região Sul. Em cada região o rendimento caixa, para produzir uma tonelada, são diferentes. Não é justo um produtor ser remunerado, existem valores diferentes em nossa política em cima do rendimento caixa.

O SR. MARCO VINHOLI - PSDB - Vocês podem enviar para nós, mais ou menos quanto significa isso?

O SR. DEMETRIUS DE SOUZA - Marco, vou falar numa escala, a última safra. Produtores numa escala de 19 a 26.

O SR. PRESIDENTE - JOSÉ ZICO PRADO - PT - Isso é valor? 19 reais?

O SR. MARCO VINHOLI - PSDB - É, a caixa.

O SR. DEMETRIUS DE SOUZA - Um exemplo, se um produtor abastece a indústria, o rendimento dele para eu produzir uma tonelada de suco é 500 caixas, o outro é 300 caixas. Não podemos praticar o mesmo valor para os sócios.

O SR. CHICO SARDELLI - PV - Vocês vendem só no mercado nacional ou exportam?

O SR. DEMETRIUS DE SOUZA - 100% do nosso produto principal é FCOJ; subprodutos, óleos são exportação. Somente a poupa cítrica, que é a ração animal, é praticada no mercado interno.

O SR. CHICO SARDELLI - PV - E o famoso suco de laranja vocês também...?

O SR. DEMETRIUS DE SOUZA - A Frucamp só produz o FCOJ, não produz o NFC.

O SR. CHICO SARDELLI - PV - Desculpa, o senhor poderia explicar um pouco melhor para mim.

O SR. DEMETRIUS DE SOUZA - O NFC é o suco que compramos hoje no mercado, pronto para o consumo. O concentrado é o produto que fabricamos. Vou dar um exemplo, tiramos seis porções de água da laranja e se torna o concentrado. Depois para o consumo você tem que dissolver seis porções de água.

O SR. CHICO SARDELLI - PV - Quem são os maiores concorrentes da empresa de vocês no mercado?

O SR. DEMETRIUS DE SOUZA - Não temos concorrentes, porque não buscamos fruta, 98% é de produção dos sócios.

O SR. CHICO SARDELLI - PV - Quantos funcionários têm a Frucamp?

O SR. DEMETRIUS DE SOUZA - Hoje temos um quadro de aproximadamente 115 funcionários.

O SR. CHICO SARDELLI - PV - Por enquanto é só presidente, volto daqui a pouco.

O SR. PEDRO KAKÁ - PODE - Pela ordem, Sr. Presidente.

O SR. PRESIDENTE - JOSÉ ZICO PRADO - PT - Pela ordem, deputado Pedro Kaká.

O SR. PEDRO KAKÁ - PODE - Cumprimentando a todos os deputados e o público presente, quero perguntar ao Demetrius. Em 96, 42 produtores resolveram agremiar-se para enfrentar a situação que enfrentavam. Esse problema de cartelização não é recente, isso nós sabemos. Mas a minha pergunta é o seguinte, a somatória desses 42 produtores representa na atividade produtiva agrícola, quantos alqueires ou hectares?

O SR. DEMETRIUS DE SOUZA - Hoje existem várias maneiras de plantio de plantas produtoras de laranja. De repente vou chutar, mas acredito que próximo de três milhões de caixas, entendo que seriam umas duas milhões e meio de árvores. Não tenho precisão no que estou falando porque não convivo no campo.

O SR. PEDRO KAKÁ - PODE - Mas isso representa o quê? Só para eu ter uma noção da estrutura fundiária.

O SR. DEMETRIUS DE SOUZA - Você poderia me ajudar?

O SR. EDÉLCIO DE OLIVEIRA JUNIOR - O Brasil hoje, por números divulgados por pés, e estimativa de safra que é feita no Fundecitrus, uma casa que realmente defende o citricultor.

O SR. CHICO SARDELLI - PV - A sede do Fundecitrus é onde?

O SR. EDÉLCIO DE OLIVEIRA JUNIOR - Araraquara.

O SR. CHICO SARDELLI - PV - Não era a mesma de Ribeirão Preto um dia?

O SR. EDÉLCIO DE OLIVEIRA JUNIOR - Não que eu saiba.

O SR. CHICO SARDELLI - PV - A Bascitrus é outra?

O SR. EDÉLCIO DE OLIVEIRA JUNIOR - É outra instituição. A Fundecitrus é o Fundo de Defesa da Citricultura, onde tem pesquisadores e uma estrutura para defender a citricultura de manejo, além de outras situações. O Brasil hoje é produtor de 360 milhões de caixas, aproximadamente. Esse é o parque, que podemos falar ser entre São Paulo e mais o Sul de Minas. Esse é o universo da citricultura, vamos chamar de citrus, porque acredito que nesse número tenham outras frutas.

Dando continuidade ao primeiro questionamento para apresentar a empresa, naturalmente a Branco Peres está próxima dos 50 anos de história. Como eu disse, é um complexo de empresas de pessoas físicas e algumas jurídicas. Produzimos cana em terra própria com alguns arrendamentos, e temos usina própria na região de Adamantina. Temos produção de laranja e de gado, essencialmente agrícola. Esse é o grupo Branco Peres. Empregos, outra pergunta feita. Acredito que em época de colheita devamos gerar em todas essas empresas aproximadamente quatro mil funcionários fixos, recolhedores, etcetera. É uma empresa essencialmente agrícola, mas não apenas uma - a Branco Peres Agribusiness, por exemplo, é um nome fantasia que junta esse complexo de empresas.

Meu caso por exemplo, sou responsável por uma atividade agrícola, produtora de laranjas, de pessoas físicas. São 13 fazendas de laranjas, e produzimos aproximadamente - varia muito, cada ano é um ano, safra de laranja não é absolutamente fácil de se acertar, depende de inúmeras situações climáticas, mas

produzimos - em torno de seis a oito milhões de caixas de laranja. Todas as famílias e irmãos - são quatro que produzem - geram esse montante de 100% em terra própria, sem arrendamento. Essa é a estrutura de hoje na empresa, é essencialmente agrícola e seus acionistas e donos basicamente tocam a vida e trabalham com agronegócio uma vida inteira, mais de 50 anos nesse segmento.

Vou fazer uma pequena... Acho que temos algumas questões que preocupam os produtores. Aqui eu posso falar essencialmente como produtor, e entendo a colocação do deputado, mas infelizmente como eu disse, até pela minha juventude no negócio - estou na empresa há dez, 12 anos - não tenho conhecimento de assuntos pertinentes ao passado, sobre indústrias e outros senões de carteis. Realmente não vou conseguir contribuir de forma substancial nesse segmento, mas como produtor, se aqui for questionado, posso colocar alguns problemas que nos afligem e não são poucos.

O produtor de laranja por si só, não acredito que venha diminuindo única e exclusivamente por uma questão de preços ou de cartelização, acredito que temos tantas demandas que nos colocam contra a parede para produzir, que talvez essa tenha sido mais uma delas no passado. Atualmente enfrento muitos problemas para conseguir ser um produtor eficiente. A questão da eficiência da produção agrícola é o que tem transformado produtores. A essência da efetividade do trabalho no campo deixou de ser um trabalho simples. Hoje nós temos doenças extremamente agressivas, greening por exemplo é uma doença que realmente causa muitas perdas. A Flórida vem passando por esse momento, é só os senhores entrarem em contato que vão ver, o nível de produção da Flórida que já chegou a 240 milhões de caixas, hoje está em 69. É uma doença grave.

Os recursos que temos que usar para combater uma doença dessas, para formar pomares e trabalhar o campo com essa legislação trabalhista que temos hoje, extremamente difícil com a indústria que temos, de processos jurídicos e trabalhistas pesados. É um sacrifício produzir laranjas não por um evento, e sim por uma sucessão de eventos que nos deixam realmente espremidos em algumas situações.

O SR. PEDRO KAKÁ - PODE - Naturalmente produzir, e principalmente no campo não é uma tarefa fácil. Tenho conhecimento de causa nisso, até porque também sou de origem como produtor rural. Mas o foco dessa CPI não é abranger todas as questões da produção agrícola, mas apenas um detalhe: até que ponto podemos defender, dentro da harmonia que esse estado precisa ter, os produtores, não importando

o tamanho da sua estrutura fundiária, que passou por dificuldades em cima do processo de cartelização. O foco é esse.

Numa outra oportunidade terei a honra e até sugiro à Comissão de Atividades Econômicas para discutirmos outras questões dentro do setor agrícola paulista. O foco, Demetrius e Edécio, é buscar uma resposta para garantir uma questão de sobrevivência dos pequenos produtores da citricultura. Então quando perguntei sobre a estrutura fundiária, já entendi que no caso da Frucamp, ela produz praticamente para ela mesma. E no caso da Branco Peres, essa holding, também praticamente produz sua totalidade.

O SR. EDÉLCIO DE OLIVEIRA JUNIOR - Nós não compramos fruta.

O SR. PEDRO KAKÁ - PODE - Exatamente. Então vem outra pergunta, diante dessas grandes empresas, quais são as dificuldades que vossa empresa enfrenta nesse processo de produzir e distribuir sucos? Existem dificuldades? E quais são as que podem ser elencadas, e que poderiam nos elucidar melhor? Porque na outra rodada, vamos convidar outros players maiores.

O SR. EDÉLCIO DE OLIVEIRA JUNIOR - A Branco Peres vende sua totalidade de frutas geralmente para uma empresa. Também já teve outras opções, já moemos frutas num passado com fábrica própria. Então acredito que a Branco Peres trabalha buscando a melhor efetividade naquele momento. Vender laranja, naturalmente você trabalhar para vender bem é um exercício quase que necessário.

Não faço parte da venda, a negociação de laranja naturalmente é feita pelo acionista, diretamente com a unidade que for comprar essa produção de laranja. O que eu posso dizer é que quanto as entregas, o movimento normal, depois de vendido a colheita em si não temos dificuldades normais do trabalho; frete, dos custos. O normal do decorrer da atividade, que toda atividade tem.

O SR. PEDRO KAKÁ - PODE - Mas o poder de compra que as outras empresas de maior porte têm delimita o valor de mercado. Isso para os senhores, para sua empresa não tem dificuldade nenhuma? Conseguem passar?

O SR. EDÉLCIO DE OLIVEIRA JUNIOR - Como eu disse, às vezes pode parecer se esquivar de algumas perguntas, mas no grupo que eu trabalho,

essencialmente sou responsável pela questão agrícola; contratações, formar, implantar, colher, etcetera. As questões mercadológicas de venda, comercialização de frutas, eu realmente não faço parte. Acredito que se consigo fazer meu trabalho no campo sem grandes problemas, essa negociação seja suficientemente boa para quem compra, e para nós que estamos vendendo.

Qual o preço? Não consigo te passar um. Em alguns momentos têm variações como a dele, preços fixos, depende muito de cada situação e momento, de cada safra. Uma super safra, naturalmente traz melhores preços para quem compra laranja. Uma safra do ano passado, que foi pequena, naturalmente houve dificuldade das pequenas empresas - que são várias que processam laranja, limão, etcetera. Elas sofrem um pouco mais de pressão para comprar frutas, é uma questão de demanda e necessidade.

O SR. PEDRO KAKÁ - PODE - Poderia o Demetrius responder as mesmas perguntas que formulei?

O SR. DEMETRIUS DE SOUZA - Ok. Reforçando, não buscamos frutas no spot. Nosso processamento é feito com matéria-prima dos sócios produtores. Acrescentando quanto a dificuldade, nós não temos nenhuma. Nós processamos nossa fruta e vendemos nosso produto, nenhuma empresa nos afeta. Temos nosso público, nosso comprador final lá fora, então até o presente momento, estamos indo para a terceira safra, as duas primeiras não tivemos problemas.

O SR. RICARDO MADALENA - PR - Pela ordem, Sr. Presidente.

O SR. PRESIDENTE - JOSÉ ZICO PRADO - PT - Pela ordem, deputado Ricardo Madalena.

O SR. RICARDO MADALENA - PR - Na opinião dos dois senhores que estão aqui hoje, vocês acham que têm empresas no mercado que ditam as regras do preço da laranja, da caixa?

O SR. EDÉLCIO DE OLIVEIRA JUNIOR - Acho muito difícil responder esse tipo de questão, por se tratar de outra empresa. Eu não conseguiria te dizer isso. Se eu fosse citar qualquer citação nesse aspecto, estaria sendo leviano. Acho que amanhã

essas empresas estarão aqui, pelo que entendi da pauta. É uma questão mais pertinente direcionar essas empresas que fizeram parte do processo e da abertura dessa CPI.

O SR. RICARDO MADALENA - PR - É do seu conhecimento que no passado existiu um cartel. Hoje na sua opinião, você ouviu falar que ainda existe quem dita as regras no mercado?

O SR. EDÉLCIO DE OLIVEIRA JUNIOR - Não, inclusive se formos tomar como exemplo esse ano agrícola passado, houve uma corrida por preços - o Demetrius pode me confrontar ou concordar, houve um descolamento no preço, que há muito tempo o citricultor não tinha. Houve uma subida exponencial no preço da caixa de laranja nos últimos dois anos, principalmente nessa última compra de safra, que é a que vai iniciar o processamento agora em junho. Não acredito que se tivesse algum acordo, poderia ter essa diferença de preço tão grande entre uma safra e outra.

O SR. RICARDO MADALENA - PR - No caso do Demetrius, poderia me responder a mesma pergunta?

O SR. DEMETRIUS DE SOUZA - Também desconheço, não tenho um relacionamento próximo com as grandes empresas.

O SR. RICARDO MADALENA - PR - Mas você está no mercado da laranja. Você ouviu falar alguma coisa sobre cartel, ou não?

O SR. DEMETRIUS DE SOUZA - No passado pelas redes sociais, jornais, televisão sim. Mas nunca pessoalmente.

O SR. RICARDO MADALENA - PR - Ok. Ainda na questão do Edécio, sua formação é agrônoma?

O SR. EDÉLCIO DE OLIVEIRA JUNIOR - Não, sou administrador com pós em Finanças e Gestão de Projetos.

O SR. RICARDO MADALENA - PR - Tem algum conhecimento de sua parte, se existe alguma restrição de plantação de laranja de grandes produtores em alguma região do estado de São Paulo?

O SR. EDÉLCIO DE OLIVEIRA JUNIOR - Restrição em que sentido?

O SR. RICARDO MADALENA - PR - De doença, cancro cítrico.

O SR. EDÉLCIO DE OLIVEIRA JUNIOR - Sim, nós mesmos do grupo tínhamos várias propriedades menores na região de Itápolis, e migramos muito dessas fazendas, trocamos por áreas maiores. Essa é uma defesa natural em relação ao greening, sei que não é contexto, mas preciso explicar. Quanto maior a propriedade, mais fácil é conseguir controlar a intercorrência dessa doença, embaixo de um pacote tecnológico extremamente expressivo e volumoso.

Então existe uma restrição? Não, hoje não mais. Havia uma restrição antigamente, e também não é da minha época, da questão do cancro cítrico, mas hoje por lei essa restrição não existe mais. Então a restrição que temos hoje é econômica, é buscar regiões em que consigamos plantar citros sem uma necessidade de água e irrigação, que é um processo extremamente custoso, e naturalmente buscar regiões que tenham um índice de chuva ou comportamento de frio e calor, etcetera, que se adequem melhor a cultura de laranja. Acho que houve sim uma migração da atividade de laranja, por conta dessas doenças e riscos da atividade.

O SR. RICARDO MADALENA - PR - Você como diretor agrícola acredito que pode me responder, porque está diretamente ligado a produção. Tem fiscalização, auditores fiscais da Secretaria da Agricultura de São Paulo, no campo?

O SR. EDÉLCIO DE OLIVEIRA JUNIOR - Nós somos obrigados a entregar alguns documentos legais à CDA, se não me engano, sobre as inspeções.

O SR. RICARDO MADALENA - PR - O que é CDA?

O SR. EDÉLCIO DE OLIVEIRA JUNIOR - Eu não sei se é CDA, gostaria até depois me certificar do nome. Somos obrigados a fazer algumas inspeções anuais para

responder se temos greening, o índice da doença, número de plantas, etcetera. A Secretaria de Agricultura consegue fornecer essa informação melhor para o senhor, deputado.

O SR. RICARDO MADALENA - PR - Mas deixa eu ser mais específico, existe a fiscalização do Estado, diretamente na produção do campo?

O SR. DEMETRIUS DE SOUZA - Existe, a Fundecitrus faz a fiscalização.

O SR. EDÉLCIO DE OLIVEIRA JUNIOR - Na realidade, são momentos. Vamos dividir em dois, houve um em que o cancro cítrico era uma doença quarentenária e existia uma não possibilidade de trabalhar e conviver com o cancro. Então naquele momento existia, até o Fundecitrus foi criado nesse âmbito, para fiscalização dessas fazendas e chegar à constatação da questão da doença, etcetera. Hoje tenho certeza que a Secretaria deve ter seus agrônomos e fiscais no campo. Responder para o senhor se isso é recorrente eu não consigo avaliar com toda a certeza, mas com certeza.

O SR. RICARDO MADALENA - PR - Nas fazendas sobre sua jurisdição, seu gerenciamento, você tem conhecimento de fiscalização do Estado?

O SR. EDÉLCIO DE OLIVEIRA JUNIOR - Sim, já tivemos algumas fiscalizações não só da Secretaria de Agricultura, principalmente Ministério do Trabalho e outros órgãos. Naturalmente passamos por essas inspeções em alguns momentos, dependendo da conveniência e necessidade do Estado.

O SR. RICARDO MADALENA - PR - Só isso presidente.

O SR. PRESIDENTE - JOSÉ ZICO PRADO - PT - Só pela oportunidade. Edélcio, estou achando meio esquisita essa questão que você responde. Essa CPI foi criada com a intenção de ajudar o pequeno e médio produtor, que sempre penou. Quando da muita produção, ele não tinha para quem entregar; quando não tinha produção, ele dependia das quatro, cinco ou até oito empresas que colocam o preço que

querem. Do meu ponto de vista vocês não dependem das grandes, mas fazem negócios diretos com a Cutrale ou as empresas que esmagam.

Então você sabe se é difícil ou não fazer esse acordo com as empresas, porque quando ela tem muita produção, ela não quer o produto de terceiros, quer primeiro o dela. Estou achando estranho você que entrega para ela, não ter esses dados com mais precisão aqui para nós.

O SR. PEDRO KAKÁ - PODE - Um aparte, Presidente.

O SR. PRESIDENTE - JOSÉ ZICO PRADO - PT - Pois não, Pedro.

O SR. PEDRO KAKÁ - PODE - Nós sabemos que de um modo geral, esses dois ou três últimos anos para a agricultura brasileira foram acima da média, ou seja, um resultado positivo. Não queremos focar apenas no que aconteceu nesses dois ou três últimos anos. Pode observar que no campo de grãos, o milho negociava a 23, 25, 27 - chegando à casa de 50. O feijão que batia 120, 130, chegou a 160 nas bolsinhas. Esses dois ou três anos foram épocas que ninguém, ou pouca gente tem a reclamar. Mas não estamos focados nessa questão, estamos tentando ver o seguinte.

A CPI não é contra os grandes, mas contra essa monopolização em que os pequenos e médios produtores não conseguem ter suas sobrevidas dignas. Aí vem a pergunta, é lógico que 42 produtores resolveram em 96, porque a associação, a união de forças, cooperativa ou qualquer maneira, traz mais forças, como foi o caso da Frucamp. Edélcio, você diz que sua fazenda produz o equivalente a quase 1,3% da produção nacional. Quer dizer, não é pouca coisa não, já é de forma significativa. Minha pergunta é o seguinte, o senhor como administrador, dentro do preço que se pratica o produto final, e pelo preço que os senhores pagariam no produto in natura, o produtor teria condições de sobreviver, se não tivesse essa ferramenta de colocar o produto industrializado?

O SR. EDÉLCIO DE OLIVEIRA JUNIOR - Deputado, é o que comentei. Hoje não estamos comprando laranja, então vamos partir do pressuposto que produz laranja, sempre. Qualquer menção que eu faça em relação a processos industriais, etcetera, estarei aqui...

O SR. PEDRO KAKÁ - PODE - Mas o senhor como administrador tem a noção de custos, e na divisão de custos tem todo um processo para saber quanto é que sobraria para o setor, a unidade produtiva agrícola, para ver se fecha a conta por um produtor que precisa, depois de produzir, buscar o cliente para colocar seu produto. A resposta a essa pergunta que começa a explicar se realmente hoje, os produtores que não têm esmagamento, têm condições de sobreviver de forma digna e saudável financeiramente. Esse é o objetivo, o foco da CPI.

O SR. EDÉLCIO DE OLIVEIRA JUNIOR - Perfeito. Respondendo como produtor, nos preços praticados nas últimas sagras - que o senhor mesmo colocou, realmente é um preço que o produtor é remunerado e vai conseguir tocar sua vida, etcetera. Temos que colocar aqui, naturalmente, a dificuldade do produtor em produzir laranja em uma unidade pequena, a demanda dele é muito grande, ele tem problemas tão grandes quanto de uma empresa maior que essa empresa às vezes consegue administrar de uma maneira melhor. Até compra de insumos e etcetera, é natural. O senhor até citou, quando se junta, junta-se para tentar fazer o melhor negócio possível.

Então o produtor, eu acho que ele passa, além da questão, talvez em um outro tempo de preços mais apertados, mas a dinâmica dele da unidade produtiva menor. E aqui vou fazer uma ressalva, em muitos momentos sem o devido do estado, em relação a custeios em relação a algumas demandas que o pequeno produtor precisa de apoio. Dificilmente um pequeno produtor conseguirá ser tão eficiente quanto um produtor tecnificado. O Fundecitrus é essencial nesse trabalho. Para quem está lá dentro, o Fundecitrus tem uma estrutura de pesquisadores que busca justamente trazer melhores práticas de pulverização, diminuir volume de calda, mostrar para o produtor uma maneira dele conviver ou trabalhar a doença para ele custa menos.

Então hoje, a pergunta que o senhor, nos preços que estão sendo praticados, que eu ouço, porque ninguém tem acesso a preço de ninguém, são preços que você ouve no mercado, hoje o preço remunera a atividade agrícola. Em que caso? Eu posso dizer que no nosso caso sim, remunera a atividade agrícola. Eu acho que a maioria dos produtores que tem a eficiência necessária para trabalhar, para conseguir gerar na sua propriedade um pouco de excelência, de conseguir produzir mais com variedades mais produtivas, eu tenho certeza que ele também estará sendo rentabilizado.

Quanto ao passado, como falei, até pela pouca idade e pouca experiência no setor da laranja, eu não consigo te dizer se naquele momento o preço que era praticado versus

o preço que era vendido o produto final, eu não sei dizer se naquele momento o produtor tinha ou não condições de tocar a sua propriedade, era outra realidade. Eu consigo responder pela realidade de hoje, hoje, os preços praticados, está rentabilizando.

O SR. PRESIDENTE - JOSÉ ZICO PRADO - PT - É que o Pedro pediu um aparte, eu queria acabar de completar. Edélcio, mesmo com sua pouca idade, você é membro do conselho da Fundecitrus. Então você sabe, lá na Fundecitrus se discute tudo. E o Fundecitrus, eu tenho mil críticas ao Fundecitrus do jeito que ele tratava principalmente o pequeno produtor, aquele que tem lá, o cara que tem um pedacinho de terra planta lá um pé de laranja, pega a doença, ele irradia todo aquele círculo que tem que irradia e...

O SR. EDÉLCIO DE OLIVEIRA JUNIOR - ...perfeito, esse era o cenário passado. Não era o Fundecitrus, era uma lei estadual, aliás, até acho que é uma lei federal, posso estar equivocado aqui, em que determinava que o cancro cítrico, o estado de São Paulo não era possível conviver.

O SR. PRESIDENTE - JOSÉ ZICO PRADO - PT - Deixa eu só terminar.

O SR. EDÉLCIO DE OLIVEIRA JUNIOR - Pois não, desculpa.

O SR. PRESIDENTE - JOSÉ ZICO PRADO - PT - Porque o que eu estou querendo chegar aqui é que você tem informação porque o Fundecitrus era e é uma entidade que é uma fundação que é regida por uma lei. Ela tinha, por obrigação, de fiscalizar a questão das doenças nos pomares aqui no estado de São Paulo. Ela fazia isso e eu tive várias brigas com Fundecitrus, porque a Fundecitrus, se o cara pegava uma doença no meio do pé ele tinha que acabar com o pomar dele. Você sabendo disso, você sabe o quanto era difícil para o pequeno produtor, eu acho que foi por isso que o seu patrão resolveu juntar a família e montar empresa, porque ele não aguentava mais vender para essas pequenas. Juntou, ficou forte e agora negocia direto com a Cutrale.

Se é isso, então vocês têm clareza de que o estado de São Paulo já passou por um período que o pequeno e médio produtor de laranja no estado de São Paulo sofreu e sofreu muito.

O SR. EDÉLCIO DE OLIVEIRA JUNIOR - Não só o pequeno, nós também tivemos alguns problemas com o advento do cancro.

O SR. PRESIDENTE - JOSÉ ZICO PRADO - PT - É isso que a gente quer saber, quais são esses problemas que vocês sentiram que chegou a montar esse grupo familiar?

O SR. EDÉLCIO DE OLIVEIRA JUNIOR - Perfeito, foi o que eu comecei, na primeira pergunta do nobre deputado, foi o que eu disse, a gente acabou se unindo entre os irmãos, começaram a plantar, etcetera, construíram a história deles. É o que eu vou repetir, a questão do produtor rural, se unir, tentar montar estruturas de compra juntas, se cooperarem, é uma necessidade, realmente do mercado de conduzir. A questão do Fundecitrus é conhecida por todos, era uma lei, o Fundecitrus foi constituído e fazia o poder de polícia, digamos assim, juntamente com o estado. Essa lei, se eu não me engano agora mudou, o estado de São Paulo trabalha com mitigação, etcetera por uma demanda, realmente, do setor. Porque você perder pé de laranja produtivo por conta de uma doença que não traz tanto prejuízo para a citricultura é realmente complicado. Então sim, há dificuldades, é o que estou dizendo.

A dificuldade relacionada a venda para um ou para outro, é a dificuldade normal de você fazer um negócio, vender ou não para a Citrusul, Cutrale, independente da empresa que você vai operar, que você vai trabalhar, existe sim dificuldade. Lógico que sempre tem, é um acordo comercial que em um momento não te gera o valor que você esperaria, em outro momento você se rentabiliza um pouco melhor, você tem momentos mais difíceis, é uma estrutura normal de negócio.

Óbvio e claro, que quando você toma um certo patamar, você consegue comprar o seu insumo um pouco melhor, você consegue tratar melhor o seu pomar ou melhor a sua tecnologia, não tenha dúvida, isso traz resultado. A eficiência do pomar traz resultado. É isso que estou tentando colocar, se eu não estou conseguindo esclarecer...

O SR. PRESIDENTE - JOSÉ ZICO PRADO - PT - Pedro terminou?

O SR. PEDRO KAKÁ - PODE - Na realidade, presidente, as perguntas vão surgindo a cada momento que vão sendo explanados. Como membro da Fundecitrus, o

senhor poderia falar dentro do estado de São Paulo, tirando os grandes produtores, qual é a média do tamanho de propriedade dos produtores?

O SR. EDÉLCIO DE OLIVEIRA JUNIOR - Eu peço desculpas, mas essa informação não tenho de bate pronto. Na realidade, eu sou um conselheiro suplente do Fundecitrus, não sou conselheiro titular...

O SR. - ...só para anunciar a presença do deputado Tripoli aqui na comissão.

O SR. EDÉLCIO DE OLIVEIRA JUNIOR - Acho que se requisitado ao Fundecitrus, será fornecido todo esse material, a quantidade de árvore, número de hectares plantados, tipo de variedade. Inclusive nesse último levantamento que é esse programa de estimativa de safra que foi solto dia dez de maio, se eu não estou enganado a data, lá existe um pequeno release com todos os resumos das variedades, regiões que são plantadas, número de produtores agrícolas. Lá existe um levantamento extremamente aprofundado nesse aspecto. Tenho certeza que se solicitado ao Fundecitrus, eles vão poder fornecer o mais amplo número de informação possível hoje.

Hoje nós temos um número, realmente próximo, feito com imagem satélite, feito com contagem em campo, hoje nós temos um número muito bom para ser avaliado e esse é um número que se solicitado ao Fundecitrus, eu tenho certeza absoluta que o Dr. Mônaco que é o presidente do Fundecitrus, vai atender com o maior prazer do mundo.

O SR. PRESIDENTE - JOSÉ ZICO PRADO - PT - Então só para terminar a minha para depois passar para os dois, você falou aqui que vocês têm uma fábrica que não opera.

O SR. EDÉLCIO DE OLIVEIRA JUNIOR - Sim.

O SR. PRESIDENTE - JOSÉ ZICO PRADO - PT - Vocês têm uma fábrica que não opera. Por que que vocês têm a fábrica e negocia com a Cutrale? É mais barato? O que levou vocês a fechar uma fábrica e trabalhar com a Cutrale?

O SR. EDÉLCIO DE OLIVEIRA JUNIOR - Vou repetir, a questão do processo fabril, eu não faço parte da empresa e não entro nem na discussão, mas eu

posso dizer algumas coisas, uma fábrica pequena, ele vai poder responder melhor do que eu, que eles estão atuando, são momento. A Branco Peres, como eu disse no começo, temos cana, temos produção própria em área própria e a usina é nossa. Eu acredito que seja uma estratégia do acionista ter essa fábrica à disposição para eventuais não fechamentos de bons contratos. Eu acredito que seja uma opção do acionista, não posso te dizer.

Como eu te disse, a questão da Citrus, Branco Peres Citrus ou a questão industrial, eu não faço realmente parte nem do conselho, não consigo determinar absolutamente nada. Eu cuido, essencialmente, da atividade agrícola. Eu acho que o Demetrius pode responder um pouco mais em cima dessa relação. Só com uma observação, ele citou aqui o NFC, que é o suco não concentrado, o investimento das indústrias para poder fazer uma linha de NFC, não tenho número, ele deve ter algum estudo que pode fornecer, é absurdo, são linhas de inox, tem todo um processo. E esse é o produto que está se vendendo, esse é o produto que hoje se comercializa, o NFC. Para você transportar isso é navio graneleiro, navio gigantesco. Então assim, eu não sei se moer laranja eles estão ganhando dinheiro, senão eles não estariam moendo a terceira safra. Eu acredito que tenha mercado para todo mundo. Qual mercado? Não consigo responder, eu acho que você tem mercado para trabalhar, América do Sul, América Latina, alguma coisa de Europa. Depende muito de cada empresa. Tem outras empresas, produtoras de suco, que estão em operação que podem, acho que traduzir um pouco do cenário do mercado de citrus atual.

O SR. PRESIDENTE - JOSÉ ZICO PRADO - PT - Só para deixar claro que nesse meio o cara monta uma fábrica, não usa e melhor negócio é a Cutrale vender, comprar... Nesse pau tem mel, que nem diz a minha mãe.

O SR. - Eu queria só, presidente, reforçar uma coisa aqui. Eu acho que a partir de amanhã nós precisamos ouvir individualmente. Porque os assuntos acabam se correlacionando e isso traz dificuldade na questão das perguntas a fazer. Eu acho que facilitaria muito mais o nosso trabalho ouvirmos individualmente. Então fica aqui a sugestão. Infelizmente amanhã não poderei estar presente, mas seria muito importante o dia de amanhã.

Mas eu gostaria de perguntar para a Branco Peres, eu acho que não foi para você que eu perguntei, eu perguntei para o Demetrius, qual é o comprador do produto final de vocês?

O SR. EDÉLCIO DE OLIVEIRA JUNIOR - Hoje eu vendo laranja, esse ano, para a Cutrale.

O SR. - Então, efetivamente, vocês trabalham para a Cutrale, é isso? Hoje, na sua totalidade.

O SR. EDÉLCIO DE OLIVEIRA JUNIOR - Hoje, o contrato dessa safra é vendido para a Cutrale. A partir do dia cinco de junho eu começo a entregar fruta para a Cutrale, 100% da minha produção, com algumas ressalvas de possibilidade de mercado.

O SR. - A Cutrale é a maior produtora hoje nacional, mundial? Eles tinham fazendas até na Califórnia, na Flórida, é isso?

O SR. EDÉLCIO DE OLIVEIRA JUNIOR - Não sei te responder se é o maior. A Citrusuco também é muito grande.

O SR. - Porque eu lembro em boa parte do tempo que eu convivi com essa história, que muitas coisas vão aparecer durante essa CPI. Os pequenos tinham ojeriza de falar da Cutrale porque era, efetivamente, a grande centralizadora de todo o cartel existente naquela época, naquele período. Eu percebo que isso não mudou. Estou falando de aproximadamente 20 anos atrás. Parece que agora até as técnicas e táticas se modernizaram. Quer dizer, eles se uniram para poder fazer a venda diretamente da forma com que eram massacrados lá atrás. Hoje eles institucionalizaram pelo pouco que eu entendi até agora aqui. Nós teremos a oportunidade de...

A safra passada foi para a Cutrale também?

O SR. EDÉLCIO DE OLIVEIRA JUNIOR - Foi para a Cutrale.

O SR. - A próxima também deverá ser.

O SR. EDÉLCIO DE OLIVEIRA JUNIOR - Não temos contrato.

O SR. - Não, mas deverá ser.

O SR. EDÉLCIO DE OLIVEIRA JUNIOR - Aí é uma suposição.

O SR. - Vamos voltar no tempo, há três anos atrás também foi para a Cutrale.

O SR. EDÉLCIO DE OLIVEIRA JUNIOR - Deputado, o relacionamento da Branco Peres com a Cutrale não é relativamente novo, todos que estão aqui sabem, inclusive a relação entre os proprietários e os donos é próxima. A gente vende ou o acionista vende para a empresa que fizer o melhor negócio. Se naquele momento a empresa oferecer um bom negócio, será vendido. Nós estamos aqui para vender laranja e produzir laranja, esse é o papel do produtor de laranja, produzir da melhor maneira possível e vender da melhor maneira possível.

A Cutrale, pelo que eu entendi, o acionista tem feito bons negócios com a Cutrale, ou não, eu não sei te responder. Eu toco, literalmente, na palavra singela, tocar, eu toco propriedade agrícola. Eu vou para o campo semanalmente produzir laranja. A minha função dentro do grupo é fazer com que as fazendas de laranja produzam laranja.

O SR. - Eu vou passar a palavra para o Kaká, que me pediu um aparte aqui. Eu acho, presidente, que nós temos que dar uma boa investigada mais a fundo nisso. Se nós pegarmos tudo de todos que passarem por aqui, com certeza o produto final estará na Cutrale ou no grupo de holding. Então eu sinto muito, um cartel muito bem feito, há anos documentado, na justiça, no CADE. Enfim, a forma predatória como esse grupo atuou naquela oportunidade, é digna de ter dó de efetivamente quem passou por aqueles maus bocados naqueles momentos. Eu acho que essa CPI pode nos ajudar muito a poder revelar, efetivamente e partir para a defesa do produtor, genuinamente nacional, brasileiro, que trabalha de sol a sol, que luta de sol a sol, tentando comercializar o seu produto e é massacrado por grandes corporações que, infelizmente, pregam esse cartel predatório que acaba prejudicando a nossa pequena e média indústria brasileira. Kaká.

O SR. PRESIDENTE - JOSÉ ZICO PRADO - PT - Pedro, só para eu colaborar, eu quero dizer que o Demetrius deixou claro, eles começaram a produzir a

forma deles para evitar o cartel. Vocês começaram não foi porque vocês: “tinha bom negócio lá fora”. Eles estavam ganhando muito dinheiro e vocês montaram lá em Catanduva, que eu entendi, uma empresa. O Edélcio com a empresa Branco Peres, eles também montaram para ter força para negociar com a Cutrale. E quem não tem? Porque eu estou aqui para defender quem não tem, quem não tem essa capacidade de se ajuntar. Porque é muito difícil, o cara que levanta às cinco da manhã e vai dormir oito horas da noite, ele não tem tempo de fazer negócio bom, ele sabe produzir, mas não sabe negociar e não tem condição de montar uma empresa desse tamanho. Eu quero só registrar isso para deixar claro o meu papel aqui na CPI.

O SR. PEDRO KAKÁ - PODE - Na realidade nós compreendemos que os últimos dois ou três anos, como tanto o Demetrius, o Edélcio e todos que estão na atividade agrícola, seja para o mercado interno, seja as commodities internacionais, elas foram bastante favoráveis nesses dois ou três anos, inclusive na citricultura, pelas crises que acontece nesse mundo globalizado.

Agora, estar patente que a Frucamp pôde e ainda bem que pôde, através da união desses 42 produtores, fazer essa agremiação, fundando essa empresa e aí não depende, evidentemente, de uma grande indústria para escoar a sua própria produção agrícola. A ideia de verticalizar a agricultura para a indústria foi com o objetivo, primeiro, de se defender e colocar valor agregado para beneficiar aqueles que efetivamente trabalham, que são os 42 produtores, cada qual com cinco, seis famílias, como o Demetrius colocou.

Mas nosso objetivo aqui, como convidamos os senhores, não empresa de grande porte, médio porte, era para poder iniciar e é o que nós estamos fazendo, para estar entendendo e fazer com justiça social, onde não somos contra os grandes.

A realidade de todo o sistema capitalista é essa, alguns são grandes, sabe se unir e os pequenos produtores têm N dificuldades, primeiro porque não tem escala, e quem não tem escala não consegue mandar no mercado, ele é obrigado a aceitar o que oferece. Infelizmente as cooperativas, as associações no nosso Brasil, nem sempre ocorre da forma como a gente idealiza, e por isso que eles ficam fragilizados. Mas o objetivo claro é esse, é tentar encontrar um ponto, de denominador comum, primeiro, voltando ao passado e o passado não precisa falar muito, todos nós sabemos. E o mais importante, é de não perpetuar essa relação uma relação difícil para os pequenos que nós queremos,

evidentemente, presidente, resguardar todos, em especial os pequenos que não têm essa proteção pela sua própria condição de ser pequeno.

O SR. - Pela ordem, Sr. Presidente. Só fazendo aqui algumas considerações, já dizer que acho que de forma muito produtiva esse encontro hoje vai abastecer a nossa comissão. Cumprimentar aqui o Flávio Viegas da Socitrus, o Antônio Junqueira da Rural, entidades que eu sugiro que possam dar uma palavra aqui hoje falando um pouquinho sobre essa questão do cartel da laranja, que com certeza estarão aqui amanhã também abastecendo no debate com as demais empresas do cartel.

Me sinto muito satisfeito, primeiro porque provamos alguns pontos hoje, Kaká e deputado Zico Prado. Nós temos que fazer um contraponto quando vamos chamar os grandes, trazendo as outras indústrias do setor. Porque um cartel que comanda mais de 80% do setor tem os minoritários que são prejudicados por isso. E às vezes eles não quiseram falar aqui, mas ficou explícito. E se chamarmos aqui outras 20 empresas pequenas no setor, nós vamos verificar que a verticalização, como foi colocada aqui pelo Pedro Kaká, é fundamental para existência das outras empresas.

Aqui o indício, de forma muito forte, de que para uma empresa pequena ou média funcionar, ela tem que ter a produção dela autônoma nesse estado que, por conta da força dos grandes, a probabilidade de ela comprar de pequenos produtores, que quase não existem mais no estado de São Paulo, vamos fazer a realidade, já não tem mais muito pequeno produtor. Estamos com um estado em que os médios hoje são, ou em uma situação em que nós não estamos culpando a Frucamp, nem a Branco Peres que são empresas que eu conheço e têm trabalho de muitos anos consolidado, mas da necessidade que houve por conta de mais um indício que o cartel persiste nas grandes da verticalização.

Eu separei aqui um pouquinho da lei, a Lei 12.529, de 30 de novembro de 2011, é a lei da presidência da república que faça um pouquinho sobre o sistema brasileiro de defesa da concorrência, em seu Art. 36., constitui infração de ordem econômica usado sobre qualquer forma manifestados, limitar, falsear ou de qualquer forma prejudicar a livre concorrência, exercer de forma abusiva a posição dominante. Presume-se posição dominante sempre que uma empresa ou grupo for capaz de alterar unilateral ou coordenadamente as condições de mercado, acordar, combinar, manipular ou ajustar com concorrente, sob qualquer forma os preços ou serviços ofertados individualmente. Aí eu venho um pouquinho a questão que nós estamos tratando aqui hoje com os

pequenos, que é o Art. cinco que diz: “impedir o acesso de concorrente às fontes de insumo, matérias primas, equipamentos ou tecnologia bem como os canais de distribuição.”

Então hoje fica comprovado aqui fortes indícios de que as grandes empresas ainda continuam com o cartel, porque as pequenas empresas do estado de São Paulo têm que ter a produção própria para poderem fazer seu suco de laranja.

Eu considero aqui, ia ler um pouquinho, da questão da operação Fanta, presidente Zico Prado, em que ela dizia o seguinte: “o que segundo as denúncias ocorreu antes e depois de 2006, foi que o promotor chama de cartel às avessas, ao invés de arranjo para definição de preço de venda, as fabricantes, ainda de acordo com as denúncias, teriam combinado valor para as compras de laranja. O preço fixado sempre muito abaixo do custo de produção, e os plantadores não podiam tentar vender para outros fabricantes. A suspeita é que cada indústria tenha formado a sua cota de fazendas”. Então é isso que nós estamos falando aqui hoje de forma muito clara.

Nós temos que considerar a questão dos produtores em torno... O Antônio Júlio me entregou aqui um pouquinho antes dessa reunião, um artigo muito interessante do Gustavo Porto que falava o seguinte: “Gustavo Porto, o fim é só o começo. Em compensação, teve gente graúda da indústria. Em compensação, teve gente graúda da indústria que classificou como uma "multinha" o valor pago, maior parte a ser dividida entre as três grandes companhias do setor. Mas é só ler o voto da conselheira Cristiane Junqueira Alkmin Junqueira Schmidt para perceber que o acordo que pôs fim ao histórico caminho de cartel na briga judicial entre produtores e a indústria. Ao aprovar os Termos de Compromisso de Cessação TCCs, a conselheira alerta: "há uma elevada probabilidade de o CADE perder no Judiciário".

Então nós estamos no meio de um processo, na necessidade dessa CPI, provando que esse cartel persiste, em que hoje nós tivemos mais indícios disso, não por conta da defesa que essas empresas têm que fazer. E aqui eu trago também um pouquinho a discussão em torno da verticalização, que a gente teve um debate anterior com a sociedade rural, com a própria Socitrus e com as entidades do setor, se isso tinha uma proposta de que seria limitado em 25% a capacidade de produção, é isso, Viegas? E que depois houveram várias divergências, mas que hoje, com esse debate colocado por vocês aqui, essa comissão que deve entregar um produto final em forma de legislação, em forma de melhoria para o pequeno produtor, tem que avaliar isso, porque no

momento é até uma forma de proteção das outras empresas que brotam pelo estado de São Paulo a ir com o mercado.

E o Demtrius colocava muito bem, o mercado de exportação é muito forte, mas tem o mercado crescente do México aqui no país, o mercado de mesa também crescendo. A gente acompanhou essa semana, da citricultura que está acontecendo em Cordeirópolis, um debate grande em torno disso. Hoje, e foi colocado muito bem no início, nós produzimos 364 milhões de caixas de laranja no estado de São Paulo. Para vocês terem uma ideia, o segundo lugar é a Flórida como menos de 60, 68, e eles chegaram a ser maiores que a gente.

O SR. - Lá nas décadas de 80.

O SR. PRESIDENTE - JOSÉ ZICO PRADO - PT - 90 produziam mais que nós.

O SR. - Então o que nós queremos aqui, eu de forma muito sincera entendo até um pouco como ficam receosos vocês em tocar em alguns assuntos por conta da pressão desses grandes, não de forma direta, mas que possam ter, são empresas no mercado trabalhando para que se tenham uma parcela do mercado, mas que possamos ter, através desta CPI, instrumentos para incentivar que vocês possam crescer. E pode ter certeza, eu conheço lá muito bem, se hoje vocês têm lá, Demetrius, 95% da produção própria, um dia vocês vão precisar comprar laranja e se continuar como está, vocês não vão conseguir. Porque o cartel persiste e mais uma vez aqui nós temos fortes indícios de que continua de forma muito coordenada.

Essa é a minha consideração, só para deixar minha colaboração para todos aqui.

O SR. PRESIDENTE - JOSÉ ZICO PRADO - PT - Eu queria aqui pedir que o Viegas, que eu conheço desde meu primeiro mandato, quando cheguei aqui em 90, eu já conheci o Viegas brigando por laranja. Ele não tinha o cabelo tão branco assim, mas tinha um pouco, não era tanto. E o Júlio, para vir fazer umas considerações para nós, Viegas, se você puder fazer esse favor. Você é um dos que eu conheci primeiro, o Júlio vem depois, por isso você não está com a cabaça tão branca ainda.

O SR. ANTÔNIO JÚLIO JUNQUEIRA - Boa tarde a todos. Eu sou representante da Sociedade Rural Brasileira, que devo falar amanhã. Quero cumprimentar o deputado Zico, Vinholi, Chico Sardelli, Pedro, cumprimentar os amigos da indústria que estavam falando. Mas eu preparei uma documentação que pretendo mostrar aqui amanhã.

O deputado Chico Sardelli e o Dr. Flávio Viegas da Socitrus também, já velho companheiro, nós estamos nessa luta desde o ano de 99, foi quando surgiu a denúncia por prática de cartel. Esse assunto nasceu dentro da Sociedade Rural Brasileira, depois o Dr. Flávio foi para Bebedouro e lá ele reativou a Socitrus e toca até hoje.

O que eu percebo é que infelizmente as pessoas têm muito medo de falar sobre o setor da laranja. Eu tenho vários amigos que produzem, são pequenos, médios, grandes, os senhores devem saber que eu fui secretário adjunto da agricultura e eu conversei e estive em muitos lugares. Como são poucos os compradores, as pessoas não querem falar. Eu preparei aqui uma documentação, pretendo falar amanhã, vou passar para os senhores, a minha contribuição será isso.

Eu vou falar sobre o futuro da laranja. Nós fizemos a assinatura do Concecitrus na Secretaria da Agricultura, que é uma forma de partilhar as alegrias e as tristezas dentro da cadeia. Nós assinamos isso em 2010, o secretário João Sampaio era o secretário a época. E depois eu quero falar um pouquinho sobre a condenação do CADE. Queria lembrar os senhores que este é o primeiro assunto, que existe um leniente. Quer dizer, a indústria foi condenada. O que nós estamos conversando aqui é saber como foi a condenação, o que aconteceu, por que não liberam a condenação? Nós precisamos saber. Eu acho que os produtores que forma lesados pelas indústrias durante todo esse tempo, tem direito a mover ações para pedir de volta os recursos que lhe foram tomados.

O terceiro assunto que eu quero falar amanhã, a minha família foi fundadora da Frutesp, nós ficamos até a venda para a Dreyfus. E durante o final de nossa passagem pela Dreyfus eu tenho a documentação aqui que comprova, nós fomos ameaçados muito, inclusive tenho documentos que comprovam isso aqui. Perdemos, em 99, por uma orquestração da indústria, que foi combinado, 30% da safra não foi colhida. Como sou muito organizado, eu consegui uma documentação, me preparei, então eu vou mostrar isso amanhã para os senhores.

Operação Fanta, em 2016. A partir de 2001, 2002, Chico Sardelli ajudou muito a gente lá em Brasília durante essa época, por isso ele conhece tanto. Nós começamos a

frequentar a Secretaria de Direito Econômico, o secretário a época era o Daniel Goldberg. E nós falamos: “Daniel, você vai atirar em uma andorinha e vai cair um elefante”, ele não acreditava. Ele montou a Operação Fanta e deu no que deu.

Foi falado aqui também sobre acordo do Jardins, Secretaria de Direito Econômico. Eu posso afirmar a vocês que a riqueza de documentos encontrado nessa Operação Fanta é de uma grandeza terrível. Eu cheguei a ver vários documentos do acordo do Jardins, fiquei lá retido pela Polícia Federal para analisar os documentos, assinaturas. E nesse ponto, José Zico, deputado, eu gostaria até de fazer um agradecimento, porque na época, o ministro era o Tomás Bastos e ele foi muito firme, tanto ele quanto o senador Suplicy.

Depois, eu também trago que a coisa não parou. No ano de 99, depois de uma denúncia, um grupo de produtores, no qual eu me incluo, nós conseguimos fazer uma devassa, uma perícia na Dreyfus em Bebedouro. Chegamos à conclusão que de lá sumiram 15 mil toneladas de suco. Então um grupo de produtores, nós somos aproximadamente 120 produtores, entramos com uma ação, ganhamos essa ação, estou com os acórdãos aqui, nós já estamos em fase final de execução. Mas o que aconteceu, além deles não terem pago os produtores, o estado foi lesado. Então no final de 2014, eu fui até o gabinete do governador, a época o secretário de Meio Ambiente, Ricardo Salles, que era secretário particular do governador Alckmin. Conversei com ele. Eu entreguei, protocolei a denúncia de fraude fiscal porque além de não ter pago os produtores, o estado também foi lesado porque não teve os impostos recebidos. Protocolei esse assunto e também falei com Andrea Callab. Quer dizer, esse assunto está na Secretaria da Fazenda, depois passou o Renato que era um secretário, mas eu não tive retorno. Amanhã eu também estarei entregando toda essa documentação, toda essa peritagem.

E por fim, eu entreguei para o deputado Vinholi alguns documentos, uma série de documentação que vem ao longo dos anos. Esse jornalista, Gustavo Porto, que é da agência estado, ele cobre muito a área de citrus, agricultura de Ribeirão Preto, então ele vem fazendo um acompanhamento muito longo. O que é preciso entender é que a indústria foi condenada, eles praticaram crime, eles fizeram cartel, não sei se continuam ou não, mas eles foram condenados, nós precisamos saber como eles foram condenados, o que eles fizeram, para podermos tomar as nossas providências. Infelizmente eu hoje não tenho mais laranja. Quando eu comecei a atuar eu tinha certeza que da minha família só ia sobrar o bagaço da laranja. A gente começou a se preparar para sair, para

deixar o ramo. Infelizmente ninguém se defende, ninguém enfrenta. E eu ouvi de um ex-industrial, que a indústria respeita quem enfrenta e nós resolvemos enfrentar. E nós vamos até o fim e vamos atrás do prejuízo que os produtores tomaram em todos esses anos. É isso aí. Obrigado.

O SR. PRESIDENTE - JOSÉ ZICO PRADO - PT - Obrigado, Júlio. Viegas.

O SR. FLÁVIO VIEGAS - Eu vou antecipar alguma coisa. Para vocês terem uma ideia, esse setor vem sendo negociado por cartel desde 77. Em 77 o deputado Hebert Levi denunciou o setor ao CADE. No ano seguinte, o Cutrale e Citrusuco, conjuntamente, compraram três empresas pequenas, fecharam imediatamente essas empresas e exploraram os pomares dessas empresas até 1986. Isso comprava que o cartel não é de hoje, é uma história longuíssima. Em 92, o setor foi denunciado no CADE novamente, o processo foi arquivado no ano seguinte.

Em 94, foi feita uma nova denúncia e o setor estava sendo investigado. Em 95, no dia 23 de maio de 1995, o setor fez um contrato de cartel por escrito. Foi feito em cópia única que ficou no cofre do Carlos Fischer, mas os executivos das empresas copiaram a mão esse contrato porque não podia tirar cópia xerox. Mas isso foi muito bom, porque depois eles encontraram o leniente que denunciou o setor no CADE, apresentou uma cópia desse contrato. Então eles investigados, tiveram a ousadia de escrever um contrato de cartel com penalidades, etcetera. Só que, em seguida, foi feito um TCC na época, final de 95, 96, que nunca foi cumprido. Então, novamente, em 99 houve essa denúncia que originou desse movimento que nós fizemos e terminou nesse novo TCC que também é uma vergonha, eles tentam impedir o acesso ao processo. Quer dizer, a minuta, os termos do acordo. Nós só temos uma versão pública que não diz nada, que período foi feito, como foi feito, então a gente não tem hoje condição, não tem acesso às provas dessa confissão de culpa.

E mais grave ainda, nesse meio tempo, várias propostas de fusão, de aquisição de empresas foram levadas ao CADE e o CADE, vamos dizer, aprovou sem restrições alegando que o processo do cartel era uma questão separada, que não tinha nada a ver uma coisa com outra. Isso permitiu que a indústria fosse se concentrando e terminasse hoje em três empresas, na verdade duas que mandam efetivamente no setor que é Cutrale e a Votorantim, que controla Citrusuco. E a Dreyfus, que é uma firma de segundo escalão nesse setor. É uma questão realmente vergonhosa que a gente precisa ir

à fundo e precisa, inclusive, cobrar do CADE esse sigilo, que eles alegam que é decorrente de uma decisão da desembargadora Consuelo Yoshida aqui em São Paulo, mas que a gente entende que isso não é verdade. A Consuelo Yoshida estava tratando do momento que seguiu a busca e apreensão. E, realmente, na busca e apreensão, documentos diversos mesmo, que não tinham nada a ver com a história do cartel foram apreendidos. Então ela estabeleceu restrições ao acesso a esses documentos.

Agora, ao processo final, que é o processo administrativo do CADE, que não tem nada a ver com os documentos apreendidos, porque ninguém está interessado em saber quais foram os documentos apreendidos, nós estamos querendo saber como é que foi feito esse TCC. Porque ele não impede em nada a continuidade do cartel, não penalizou o cartel. Para vocês terem uma ideia, na nossa estimativa, esse prejuízo superou muito dez bilhões de dólares ao longo de toda essa história desse cartel. A questão é essa, precisa abrir essa caixa preta e ter acesso a esse acordo feito no CADE para que os produtores possam ser ressarcidos desses prejuízos.

Tem uma questão gravíssima que eu já levei ao conhecimento de várias autoridades e ninguém nunca tomou conhecimento, inclusive falei com o governador aqui de São Paulo, falei com ministros e todo mundo finge que não vê. É a questão da diferença de valores entre o valor do produto registrado em Santos e o valor desse mesmo produto na Europa. Existe, é lógico, um custo que é o custo de transferência, embarque. Mas essa diferença beira um bilhão de dólares por ano, que é muito superior ao custo de transferência. Então muito provavelmente está havendo evasão de divisas, evasão fiscal e que isso nunca foi investigado.

E eu sei que essa história é assim, porque essa negociação foi feita na época da revolução e isso decorreu da seguinte forma, naquela época tinha um controle muito grande, como tem até hoje, um controle cambial. E muitas vezes a gente embarcava aqui em Santos de uma forma muito transparente dizendo que preço estava embarcando e para quem estava embarcando. E muitas vezes o produto chegava na Europa e o mercado tinha caído efetivamente. Então, vamos dizer, não eram esses valores, mas suponha que você tivesse embarcado a mil dólares aqui, chegou na Europa, o mercado caiu, você foi obrigado a vender por 900 dólares. Então você tinha que entrar com os mil dólares que você declarou no embarque.

Foi-se discutido no governo, acho que, se não me engano era Delfim, e o governo propôs que criasse o seguinte sistema: que se criasse empresas offshore, para não pagar imposto lá fora, só que essa empresa offshore teria que ser registrada no banco central e

fazer um balanço consolidado. Isso, aparentemente, fecharia as portas para marotagem. Mas o que as empresas fizeram? Fizeram a empresa offshore, só que ela não vende para o cliente, ela vende para uma outra offshore que é dela mesmo, aí essa offshore não está registrada no banco central, não tem dono conhecido. É o espaço que elas teriam para transferir recursos e acumular lá fora. O que, aparentemente aconteceu. E essa também foi a razão porque as empresas investiram tanto nos pomares próprios, que provavelmente teriam acumulado recursos lá fora, que a única forma de utilizá-los seria investir nos próprios pomares. Isso é uma questão que precisa ser investigada, eu não tenho prova nenhum disso aí, mas tudo indica que esse foi o mecanismo.

Para vocês terem uma ideia, hoje essas empresas detêm praticamente 50% do parque citrícola do estado de São Paulo. E quando isso eles tinham menos de dez, 8% na década de 80. E isso tudo cresceu muito nesses últimos anos. A questão das empresas que concorrem, eu sei que a Branco Peres tentou concorrer com o cartel, não conseguiu, foi obrigada, primeiro, a vender parte da empresa, vendeu a fábrica anterior para a Cutrale, posteriormente voltou, comprou uma outra empresa que mantém fechado para conseguir uma negociação mais equilibrada no setor.

E essa também é outra questão. Ademerval Garcia que foi presidente do Fundecitrus e foi presidente da Abecitrus, durante muitos anos, falava cinicamente para mim: “nós trabalhamos com preço médio, então se eu tenho que pagar um preço melhor para um produtor, eu tenho que pagar o preço menor pra outro”, e com isso ele criou várias categorias de produtores. O produtor que ia ficar no setor, o produtor que ia ficar durante um certo tempo e o produtor que ia ser excluído imediatamente. E com isso eles tiraram mais de 20 mil citricultores do setor, destruíram mais de 200 mil empregos diretos e continuam com todo esse poder. Porque a vida dessas empresas está na mão dessas grandes. Eles decidem o momento que essas empresas vão sair do setor. Foi o que aconteceu com a Frutesp, ela era uma empresa que concorria no setor, só que pertencente a uma cooperativa e ela distribui aos resultados aos produtores. E servia também de baliza no setor. Em um determinado momento as indústrias decidiram tirar a Frutesp. O que eles fizeram? Atacaram os fornecedores, oferecendo o preço da época, que outro dia o Cláudio Ermínio chegou para mim e falou: “em 1987 vocês pagaram três dólares e meio por caixa”, era preço excelente nessa época três dólares e pouco por caixa. Eles chegaram a oferecer dez dólares, compraram por oito dólares. Atacaram diretamente os fornecedores da Frutesp. Então o produtor desavisado chega e fala: “poxa vida, estou perdendo tempo aqui, se eu estivesse livre”, porque muito produtor

tinha contrato com a Frutesp e não podia vender. Mas ele recebia a oferta, sete dólares, seis dólares. Então isso desestabilizou a Frutesp.

Chegou no mercado, chegavam e ofereciam: “qualquer que seja o preço da Frutesp, nós damos 10% de desconto, 15% de desconto”, e com isso, rapidamente, eles quebraram a Frutesp e os preços que estavam nessa faixa de três dólares, quatro dólares, caíram no ano seguinte para menos de dois dólares. E assim esse preço ficou. Tenho até um gráfico, se der tempo amanhã eu mostro, que ficaram do início da década de 90, até 2005, 2006, na faixa de 50% do preço que vinha sendo praticado anteriormente. E com isso, conseguiram quebrar o grande número de produtores.

A Frucamp é uma empresa pequena, que não tem a estrutura, não tem a produtividade das grandes, vai pagar, já pagou ano passado acho que cerca de cinco reais a mais do que os concorrentes para os fornecedores dela e esse ano parece que vai pagar dez, 12 reais. Então vocês veem que há um esquema de apropriação da renda dos citricultores por parte dessas grandes empresas que exploram. Todas aquelas questões que indicam cartel, elas praticaram, dividiram os produtores entre elas.

Eu tinha um contrato, eu era diretor da Frutesp, quando ela foi vendida eu comecei a rodar as empresas para tentar vender a minha laranja, até que eu encontrei um ex-funcionário meu em uma outra empresa. Ele chegou e falou: “olha, Flávio, não perca tempo, você é da Dreyfus - que tinha comprado a Frutesp - você volte lá e faça seu negócio com ele da forma como eles quiserem”. E assim foi. Eu só consegui sair da Dreyfus em um determinado momento que houve uma crise, estávamos juntos, formamos um grupo, teve uma crise que foi causada pela contaminação dos (ininteligível) de Citrus pela Coimbra. As outras empresas quiseram cobrar da Coimbra os prejuízos porque elas perderam toda a produção de peles naquele ano. A Coimbra não quis pagar, então as empresas atacaram a Coimbra. E a Cargio, que eu sempre queria ser fornecedora, falou: “olha, vocês têm uma janela, não é nem uma porta para vir para cá”, e foi a única forma que nós conseguimos sair. Mas eu sei que depois eles se acertaram e a Cargio teve que fornecer, entregar para a Coimbra um grupo equivalente ao nosso que tinha saído de lá para a Cargio.

Então é assim que funcionou e deve continuar funcionando esse cartel.

O SR. PRESIDENTE - JOSÉ ZICO PRADO - PT - Obrigado, Viegas. Queria perguntas aos Srs. Deputados se tem mais algum assunto, senão nós vamos deixar para amanhã, que o Júlio está com o pacote cheio ali e o Viegas estará aqui para ajudar.

O SR. - A única coisa que eu me arrependo é de amanhã não poder estar aqui, tenho um compromisso do mandato em Brasília amanhã, presidente. Mas vocês terão a responsabilidade de poder falar. Eu conheço o Antônio, conheço o Dr. Flávio, acompanhei e sei que poderão contribuir muito. E novas coisas, possivelmente, teremos a partir da semana que vem também. Da minha parte era isso aí. Agradecer os depoentes e repensar um pouquinho, eu entendo a força de vontade de cada um de vocês, mas eu acho que nós precisaríamos trazer, efetivamente, quem comanda as empresas para poder dirimir essas dúvidas que aqui nós temos. Obrigado, presidente.

O SR. - Só agradecer também, presidente Zico, os dois que vieram aqui, a Frucamp, o Demetrius colocava muito bem o início dela, foi na gestão do meu pai como prefeito lá em Catanduva, um orgulho da nossa cidade o funcionamento da Frucamp. Agradeço você ter vindo aqui e dado informações relevantes para nós. A mesma coisa da Branco Peres, orgulho também da nossa região. Agradeço as informações aqui trazidas e que possamos seguir em frente fortalecendo o pessoal da laranja e, principalmente vocês, que representam uma classe de produtores e de empresas que precisam crescer com apoio do estado de São Paulo.

O SR. PRESIDENTE - JOSÉ ZICO PRADO - PT - Pedro.

O SR. PEDRO KAKÁ - PODE - Cumprimentar e agradecer a presença do Edélcio Oliveira, o Demetrius de Souza, esperando, quem sabe, que nós consigamos através desse trabalho, fazer com que outros produtores, como os senhores, alcançaram o sucesso, tenha daqui para frente, condições de enfrentar essa desigualdade conforme foi relatado aqui, amanhã nós estaremos presentes para entender melhor o processo. Meu muito obrigado, boa tarde a todos.

O SR. PRESIDENTE - JOSÉ ZICO PRADO - PT - Agradecer tanto o Edélcio quanto o Demetrius pela colaboração. Eu acho que a gente como brasileiro precisa acabar com esse monopólio, com esse cartel. Nessa CPI nós vamos fazer o que pode. Mas eu acho que a gente tem que contar com a colaboração no setor. Eu admiro muito uma empresa ter uma fábrica só de fachada para negociar. Eu não acho que é fácil montar uma indústria de laranja para deixar fechada: “se você não me pagar tanto, eu

abro a fábrica, se você pagar tanto eu fecho”, então é uma coisa que a gente precisa entender, eu nunca vi isso tão bem montado, Viegas. Desde 99, ou um pouco antes, quando a gente começou com o governador Mário Covas, ainda Júlio, que a gente começou com essa briga na Assembleia Legislativa, a gente tem esse problema, mas eu acho que para o bem do país e do estado de São Paulo, a gente precisa quebrar essa caixa. Queria agradecer o Viegas e o Júlio, agradecer os membros desta CPI e desejar boa sorte a todos nós, que nós queremos fazer aquilo que o Júlio e o Viegas estão dizendo, queremos entender o acordo do CADE, porque senão nós não vamos saber como é essa caixa preta ainda. Muito obrigado, boa tarde a todos.

* * *